

REPRESENTAÇÕES DE BRASIL: ANÁLISE DOS DIZERES DE ESTUDANTES INTERCAMBISTAS EUROPEUS E AFRICANOS

Carla Nunes Vieira TAVARES
Adriano HENRIQUES
Universidade Federal de Uberlândia
carla.tav@uol.com.br
henriquess@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa baseada nas noções de discurso, que objetivou investigar a representação de Brasil por meio da análise de dizeres de alunos em mobilidade internacional (Europeus e Africanos), também chamados alunos intercambistas, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no ano de 2012. A perspectiva teórico-metodológica se ancora não só na Análise do Discurso de linha francesa (AD), como também nos estudos culturais pós-estruturalistas. Percebe-se, no discurso midiático, a convivência de representações de Brasil e de brasileiro que apontam, por um lado, para um país promissor economicamente e, por outro, para estereótipos mais antigos e consolidados. Por, supostamente, já existirem estereótipos bem delineados do que seria o Brasil na imagem de um estrangeiro, seja como o país do futebol, do carnaval e do povo hospitaleiro, é importante pontuar o que se mantém e o que tem mudado nesse discurso, por meio da análise. Sendo assim, a relevância da pesquisa reside em investigar as representações de Brasil que possam contribuir para futuros trabalhos que se interessem em entender um pouco o imaginário que move o crescimento da procura do país por parte de estudantes estrangeiros, e pontuar o que se mantém e o que tem mudado nesse discurso.

Palavras-chave: Representação; Brasil; Estudante; Identidade

1. Introdução:

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa baseada nas noções de discurso, que objetivou investigar a representação de Brasil por meio da análise de dizeres de alunos em mobilidade internacional, também chamados de estudantes intercambistas, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no ano de 2012. A perspectiva teórico-metodológica se ancora na Análise do Discurso de linha francesa (AD) e nos estudos culturais pós-estruturalistas. Para circunstanciar o que será discutido, apresentamos um trecho de uma reportagem que foi veiculada na revista *Veja* (2012) com o título de “O Brasil aos olhos do mundo”. Segundo a mesma: “Alguns estereótipos resistiram bravamente ao tempo, mas o mundo já começa a ver

o Brasil com outros olhos: ele está mais rico, mais influente e muito mais famoso. Continua simpático também ...” p. (65, 66).

A afirmação acima é fruto de uma pesquisa CNT/Sensus, encomendada pela revista, que se baseou em entrevistas com estrangeiros para abordar a imagem do Brasil no exterior. A reportagem da revista *Veja* é apenas um exemplo do discurso de Brasil contemporâneo, cujos sentidos apontam para o seu posicionamento no cenário mundial e o crescimento da sua economia.

Na revista de bordo da *Gol* (2011), a coluna de Ricardo Freire abordou a Copa do Mundo de 2014 no Brasil, as expectativas para a festa, e o que os estrangeiros podem esperar. De acordo com o colunista, durante a copa do mundo, “... a festa, não tenho dúvida, está garantida. Essa é nossa especialidade. Somos campeões mundiais. Fazemos as festas de rua mais animadas do planeta.” (p.25)

A representação de brasileiro enquanto alguém festeiro, delineada na coluna da revista *Gol*, se relaciona ao campo semântico convocado na reportagem da revista *Veja*, ao referir-se à simpatia dos brasileiros (“...continuamos simpáticos também”). Percebemos que essa representação de brasileiro hospitaleiro, festeiro e alegre é muito recorrente entre os próprios brasileiros. Indício disso é a citação de Ricardo Freire, ao afirmar que a festa no Brasil está garantida em 2014, mesmo que nem toda a infra-estrutura prevista esteja pronta. Assim, percebemos que existem várias representações de Brasil, algumas endossadas pelos próprios brasileiros, pela mídia e pelos estrangeiros. Apesar da reportagem da revista da companhia aérea não se referir diretamente ao Brasil, as representações de brasileiro acabam repercutindo para produzir o efeito de um país em que a festa e a alegria são constantes. O mesmo pode ser aferido na reportagem da revista *Veja*, que, embora não enfoque explicitamente esse aspecto, também se constitui desse discurso. Note-se o funcionamento discursivo que lança mão de uma oração coordenada adversativa (“Alguns estereótipos resistiram bravamente ao tempo, mas o mundo já começa a ver o Brasil com outros olhos), conferindo valor semelhante a ambas as ideias presentes nas respectivas orações, para ressaltar como uma imagem antiga de Brasil convive com outras novas e ditas mais modernas. Trata-se de questões econômicas que podem alterar a memória discursiva que constitui os dizeres sobre o país.

Essas observações motivaram esta pesquisa, pois percebe-se, no discurso midiático, a convivência de representações de Brasil e de brasileiro que apontam, por um lado, para um país promissor economicamente e, por outro, para estereótipos mais antigos e consolidados. Tratamos estereótipos, neste trabalho, como sendo um conjunto de ideias que se cristalizam e

de certa forma delineiam identidades e reforçam as representações que concernem ao Brasil e a Língua Portuguesa. De acordo com FREITAS (2004, p.79) os estereótipos:

(...) impõem, imaginariamente, um processo de alienação e de delimitação. Alienação, porque o sujeito, inconscientemente, já parte da premissa (ou de um pré-conceito, pré-concebido) de que deve ser seguido por todos. Delimitação, porque expurga as diferenças que existem em todos os campos.

Pensamos ser possível afirmar que, esses discursos globalizados sobre o país, sejam em parte responsáveis pelo aumento do número de estudantes estrangeiros interessados em estudar no Brasil. De acordo com um levantamento feito a partir dos dados fornecidos pela Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da UFU, constatamos que o número cresceu de 40 estudantes em mobilidade no ano de 2009, para 63 em 2012.

Portanto o intuito da pesquisa é, através dos dizeres dos estudantes, investigar as representações de Brasil que possam contribuir para futuros trabalhos que se interessem em entender um pouco o imaginário que move o crescimento da procura do Brasil por parte de estudantes estrangeiros.

Por, supostamente, já existirem estereótipos bem delineados do que seria o Brasil na imagem de um estrangeiro, seja como o país do futebol, do carnaval e do povo hospitaleiro, é importante pontuar o que se mantém e o que tem mudado nesse discurso, por meio da análise dos dizeres desses intercambistas.

Parte-se dos pressupostos de que o imaginário construído pelo estrangeiro a respeito do Brasil é constituído, dentre outros, pelo discurso midiático, principalmente quando este aponta o Brasil como país em grande expansão econômica e como destino turístico associado ao samba, mulheres bonitas e natureza exuberante. Além disso, entende-se que o conjunto desses discursos heterogêneos compõe a memória discursiva sobre o Brasil, a partir da qual é possível enunciar e produzir sentidos sobre o país. Dessa maneira, o português adquire uma importância maior, visto que falantes de outras línguas começam a ter interesse em aprender esse idioma por motivações investigadas pela pesquisa ora descrita.

Durante a pesquisa foram levantadas as representações de Brasil e de brasileiro que os estudantes tinham antes de virem morar no país e a imagem que se formou ou que foi resignificada após estarem vivendo no local. Ressaltamos que alguns aspectos das representações anteriores podem ter sofrido mudanças antes da pesquisa, pois esses estudantes

foram entrevistados¹ enquanto residentes do Brasil. Três foram as perguntas fundamentais que direcionaram o estudo:

- Que representações de Brasil emergem a partir da análise dos dizeres dos intercambistas?
- Como elas indiciam a memória discursiva de Brasil, constituindo um imaginário sobre o objeto? Esse imaginário coincide com aquele construído pelo discurso midiático sobre o Brasil economicamente forte?

Percebemos como fator enriquecedor trabalhar com estudantes de dois continentes diferentes, pois, ao analisar os dizeres, pode ser que haja representações de Brasil diferentes, pois o dizer dos entrevistados indiciará a posição discursiva do sujeito enunciador, esta marcada pelas condições sócio histórico ideológicas e, uma vez descrita resumidamente a pesquisa que deu origem ao presente trabalho, explicitaremos algumas noções teóricas que nortearam a investigação.

2. Referencial Teórico-Metodológico

Como já assinalado, a pesquisa se ancora na AD, privilegiando questionamentos quanto à relação que o discurso estabelece entre pensamento, linguagem e mundo e sobre como tal relação se articula à construção identitária e à representação de Brasil dos participantes da pesquisa, que terão seus dizeres analisados. A opção por tal referencial teórico se deve porque, de acordo com ORLANDI (2010, p. 15):

(...) a análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

Dessa forma, a análise dos dizeres dos alunos em mobilidade internacional levou em consideração os indícios na materialidade linguística que mostram o funcionamento discursivo que engendra as representações implícitas em seus dizeres, de maneira a transparecer suas ideologias. Para Pechêux (1988, p.160):

¹ O roteiro semi-estruturado de perguntas que nortearam as entrevistas encontra-se anexo.

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Remontando o que foi dito pelo autor, de maneira a agregar seu pensamento à pesquisa, o discurso é constituído historicamente, de forma que os enunciados se repetem ou resignificam com o tempo, sempre carregados de aspectos históricos e da ideologia presente em seus processos de produção. Quando pensamos na materialidade linguística que será analisada, devemos levar em consideração que os dizeres dos estudantes estão impregnados de discursos pré-construídos que constituem uma memória discursiva, sendo essa possibilitadora da produção dos enunciados em análise. Dessa forma, nos é possível remeter os enunciados produzidos atualmente com os enunciados produzidos no passado ou, até mesmo, compará-los aos produzidos sincronicamente, porém advindos de outros meios que não sejam a fala dos próprios estudantes (ex: reportagens que foram extraídas de revistas). Tais fatores podem explicitar e evidenciar a constituição dessa memória discursiva, que é coletiva, e nos evidenciar as representações que buscamos sobre Brasil. Em um jogo entre passado e presente, veremos emergir as formações discursivas que constituem os dizeres dos participantes e, analisaremos, também, a posição sócio-histórica que esses dizeres assinalam para o Brasil no cenário mundial visto que, nas formações discursivas é que eclodem as ideologias. De acordo com PECHÊUX (1988, p.160)

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)

Sendo assim, essa perspectiva discursiva permitirá aos pesquisadores empreenderem gestos de interpretação (ORLANDI, 1996) dos dizeres dos participantes, considerando os fatores que levam um sujeito a produzir um determinado enunciado, as condições de produção desse enunciado, o contexto histórico em que este sujeito está inserido, o posicionamento que este sujeito adota no momento de produção do enunciado, a heterogeneidade constitutiva de seus dizeres (AUTHIER-REVUZ), e por fim, para quem esse enunciado está sendo produzido.

Quando pensamos em sujeito não nos remetemos ao indivíduo como algo singular e separado de sua prática social. Antes, alguém só advém como sujeito na medida em que se inscreve na linguagem. Não há lugar para o sujeito fora do processo discursivo, portanto, sua constituição está na dependência das posições discursivas que sua subjetivação, via linguagem, lhe permitem assumir. De acordo com Coracini (2007, p.17) “o sujeito é uma construção social e discursiva em constante elaboração e transformação”. Assim sendo, os alunos em mobilidade internacional terão seus dizeres analisados enquanto sujeitos constituintes de um corpo social de análise, seja através de uma configuração europeia, seja africana. Pretendemos analisar o dizer dos participantes, a fim de observar o funcionamento da memória discursiva, que pode apontar para discursos naturalizados sobre os tópicos em questão e/ou para uma desestabilização dessa naturalização.

Neste trabalho, entendemos representação como uma construção discursiva apoiada na propriedade parafrástica e sinonímica da linguagem, que visa recobrir os objetos do mundo por meio da linguagem, de forma a que eles façam (e produzam) sentidos. Devido ao caráter opaco da linguagem, a representação jamais conseguirá abarcar o objeto pela palavra. Apesar disso, o sujeito enunciador se constitui na ilusão de que é origem da produção de seus dizeres e que estes veiculam sentidos claros e resultam de sua intencionalidade. Portanto, o valor semântico dos dizeres não possibilitaria diferentes formas de interpretação de um mesmo enunciado, pois, a linguagem daria conta dos sentidos por si só. Entretanto, a linguagem é constitutiva de um sistema simbólico, que possibilita a produção de sentidos a partir do jogo ideológico e das condições sócio-históricas, que são da ordem de uma exterioridade ao sujeito. Sendo assim, toda produção linguística, inclusive as que analisaremos, são formas de (re)produção de sentidos que possibilitam a construção de representações materializadas via linguagem. Portanto, os sentidos dessas representações podem apontar para diferentes condições sócio-históricas que possibilitaram o seu surgimento. De acordo com WOODWARD (2008, p.17).

A representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

Em relação aos direcionamentos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa, o ponto inicial partirá da busca por textos midiáticos que abordam um Brasil do século XXI, sua imagem no exterior e o deslocamento de estrangeiros para o país. A partir desses discursos

será possível a análise dos dizeres dos estudantes intercambistas, de forma a apresentar aspectos linguísticos que remeterão a evidências de entrecruzamento de discursos midiáticos e dizeres dos participantes da pesquisa. As entrevistas foram feitas pelos próprios pesquisadores, gravadas, e posteriormente transcritas, respeitando as normas estabelecidas pelo conselho de ética da UFU e garantindo o anonimato dos participantes.

3. Representações de Brasil antes da mobilidade internacional

Com referência ao que foi estabelecido pelo trabalho, vimos que existem estereótipos formados sobre Brasil e brasileiro no imaginário dos estrangeiros, além disso, vimos também que há um movimento em relação ao imaginário sobre Brasil do passado e o Brasil atual, justificado pelos discursos econômicos, e que, culminam em reportagens que apresentam a opinião estrangeira sobre o Brasil e a opinião do próprio brasileiro sobre si. Dessa forma, faremos um paralelo entre o que está discursivamente postulado e o que foi obtido de dados coletados durante as entrevistas com os alunos estrangeiros da UFU. Tomaremos como referência dizeres de dois participantes, um europeu e outro africano, recortados de duas entrevistas mais relevantes por apresentarem um aprofundamento maior por parte dos entrevistados ao responderem às questões.

Para critério de sigilo, chamaremos o estudante europeu de E1 e o africano de A1. E1 é francês e estava em processo de mobilidade acadêmica para estágio no curso de Engenharia Mecânica, enquanto que A1 é de Benin e estava fazendo sua graduação em Arquitetura no Brasil.

Estruturaremos os recortes entre antes e depois da mobilidade internacional para indicarmos um possível deslocamento nas representações dos estudantes. Além disso, enfocaremos as formações discursivas presentes nas representações mais relevantes desses alunos. Sendo assim, a partir da análise dos dizeres desses participantes, verificamos que emergem alguns eixos temáticos resultantes das representações de Brasil antes de virem morar no país e, que se consistem em:

- Brasil como país do futebol
- Brasil como país da facilidade
- Brasil como país violento (sendo que deste emergem algumas dissonâncias)

Quando questionado sobre qual a imagem que tinha de Brasil antes de vir morar aqui o estudante A1 declarou que:

Recorte 1 (A1):

Brasil para mim era futebol, não que eu achava que era um país que não tem nada a base de futebol, mas a gente via como um lugar que² a gente vem aqui para estudar e vai ser muito fácil, porque aqui brincam muito // também na televisão só mostram as áreas da favela onde tem tiro. Aqui é muito perigoso, isso e aquilo, essas imagens que a televisão vende para ter escândalo, para chamar a atenção das pessoas.[...]Também, ultimamente, // tipo nos 5 últimos anos, o Brasil mudou de cara lá também. As pessoas// antigamente// todo mundo pensava desse jeito, mas a mídia começou a falar: o Brasil ta crescendo, a economia crescendo muito rápido, país que ta se desenvolvendo muito bem, ‘tipo’ falando como um exemplo mesmo a seguir pelo continente africano.³

Recorte 2 (A1)

(...) um tio meu que foi professor na Universidade da Bahia há muito tempo nos anos 80, e aí eu fui conversar com ele se não tinha um jeito de ele me ajudar para arrumar uma bolsa ou um convênio para estudar fora arquitetura, aí ele me disse que arquitetura no Brasil hoje ta crescendo muito, ta muito boa, ta tendo muita construção, ele disse que se eu fosse estudar no Brasil eu iria ver muita coisa se construindo (...)

Evidencia-se, de início, o entrecruzamento de discursos antigos de Brasil com discursos atuais. Isso é perceptível pela invocação do estereótipo de país do futebol associada à denegação de uma circunscrição restrita a ele e pela invocação do discurso midiático de Brasil. Além disso, o discurso indireto mobilizado por A1 atribui ao tio dizeres que trazem traços desses novos discursos que colocam o país dentro do circuito internacional: o potencial de crescimento e desenvolvimento associado ao país. Esse recurso discursivo acrescenta peso a um dizer recorrente sobre a decadência europeia, a decorrente falta de oportunidades e a motivação contrastante de vir para um país representado, assim, como promissor. Logo, o discurso motivador para viver no Brasil articula-se ao discurso de decadência europeia, construindo o efeito de comparação. Soma-se a esses sentidos a representação de que o êxito será destituído de complexidade. Na materialidade linguística percebemos que a adjetivação do Brasil como país onde as coisas são fáceis, onde a população brinca muito, pode produzir o sentido que nada no país é levado a sério. É uma forma de associá-lo ao próprio jogo de futebol, ou seja, tudo não passa de um jogo, e em se tratando de Brasil, no fim acaba-se em festa. Podemos remeter isso ao artigo citado no início desse trabalho, em que o autor diz que o

² Legenda Sinal Significado

/ Pausa curta

// Pausa longa

[...] Pausa muito longa

[incomp] Algo incompreensível na gravação

(...) Algo dito entre falas e que são irrelevantes para a pesquisa

Caixa alta: Algum fonema ou palavra pronunciada com forte ênfase

P Pesquisador

³ A transcrição foi feita exatamente da forma como os alunos falaram, então é possível que haja confusões e erros gramaticais nas falas, e também diferença de fluência entre um e outro, até mesmo porque E1 estava no Brasil apenas por três meses enquanto A1 havia três anos.

sucesso da copa do mundo no Brasil não será a copa do mundo por si só, mas a festa que os brasileiros conseguem fazer disso. Portanto, o imaginário de facilidade atribuiria ao processo de desenvolvimento econômico do país um caráter ‘facilitado’, ou seja, o Brasil cresce facilmente.

Já o estudante E1, respondendo a mesma pergunta, declara:

Recorte 2 (E1):

Sole futebol e carnaval de Rio que já ouvi falar e não vi nada/ só isso/ não sabia nada cultural, eu falei com pessoas que haviam feito estágio, e eles falaram que estava muito bom, muito legal.

Por meio desse recorte, mais uma vez reforçam-se os estereótipos, e aparentemente não há entrecruzamento com discursos midiáticos atuais. Lembrando assim, que tratamos estereótipos, especialmente aqui, de algo que simplifica a ideia de um país inteiro, e que por consequência a população desse país. Em sua fala, o participante ao dizer que já sabia de coisas como futebol e carnaval, e logo em seguida, dizer que não sabia nada da cultura do país antes de vir morar aqui, talvez queira indicar que futebol e carnaval sejam estereótipos midiáticos que realmente não pontuariam a cultura desse país, ou seja, saber de futebol e carnaval por algo que emerge de um discurso coletivo, não lhe mostra o que seria o país de verdade, ou ainda poderíamos empreender desse discurso que, a princípio, futebol e carnaval para esse estudante não sejam elementos da cultura brasileira.

O exotismo e alegria do povo brasileiro, estereótipo recorrente associado ao Brasil, pode remeter a um imaginário construído a partir do discurso cinematográfico sobre o Brasil desde o século XX, conforme assinala ALMEIDA FILHO (2010, p.13):

A década de 50 no século 20 marcou especialmente um ciclo de desenvolvimento econômico e cultural do país contaminado por grande otimismo com relação ao futuro, por forte aceleração da vida urbana e pela explosão de certa imagem mundializada e certamente projetada a partir dos Estados Unidos da América nas estilizações tropicalistas pioneiras da artista performática luso-brasileira Carmem Miranda. O Brasil passa, então, a alimentar um imaginário mundial de alegria cantante e dançante, de lugares belos e exóticos, de gente criativa e feliz que se oferece como alternativa de viver nos outros lugares do mundo.

O comentário do autor enfatiza que não é a primeira vez que o Brasil passa por um período histórico de otimismo. Entretanto, os discursos atrelados a esse momento histórico no passado eram outros, estando indiciados no dizer do estudante africano (“ aqui brincam muito...”, explicitado no recorte 1). A projeção desses discursos em nível global não partiu só

dos brasileiros, mas também da indústria cinematográfica estadunidense, que reforçou e sustentou esse discurso. Exemplo disso foi a criação do personagem “Zé Carioca”, por Walt Disney, que representava o brasileiro como malandro, brincalhão, despreocupado.

Ocorre que, no presente momento sócio-histórico, essa imagem de brasileiro não parece ter se alterado, apesar da mudança pela qual tem passado a imagem de Brasil e o acréscimo de país economicamente forte, sendo que nos recortes acima pelo menos não vemos, em termos de materialidade linguística, algo que mostre esse estereótipo de maneira pejorativa. Existe, sim, a imagem da malandragem, mas ela não se liga a um certo oportunismo brasileiro.

4. Representações de Brasil durante a mobilidade internacional

Neste tópico, analisaremos os dizeres dos participantes, apontando o que se mantém e o que é ressignificado nas representações de Brasil durante o período de mobilidade acadêmica.

Retomamos, portanto, as representações de Brasil como país do futebol, como país violento e acrescentamos as de Brasil como país globalizado e como país hospitaleiro.

Primeiramente, notemos os dizeres de A1 sobre o Brasil.

Recorte 3 (A1)

Agora o Brasil para mim é um país muito bom (...) Quanto ao futebol eu acho que o Brasil é o país do futebol mesmo, o jogo do Brasil para mim na televisão era muito bonito, agora que cheguei aqui é pior ainda, porque eu vejo o futebol na televisão todo dia, então futebol é o ‘negócio’ do Brasil mesmo. A imagem de perigo // eu não acho que o Brasil é muito perigoso, não que não tenha perigo, perigo tem em qualquer lugar do mundo (...). A cultura é diferente, mas eu aprendi assim, // eu não aceito tudo, mas eu respeito (...). O dia-a-dia não é tão diferente, eu acordo, vou para Universidade, estudo, estudo, estudo, volto para casa, volto de novo, tudo a mesma correria, então eu acho que nesse sentido você sente bem o que é a globalização, o que é a mundialização. Você vai em qualquer lugar e tá todo mundo na correria. (...). Eu percebo que as pessoas são muito acolhedoras, assim// as pessoas são, mas tem um limite, ele quer te deixar tranquilo// eu vou te tratar bem, mas isso não quer dizer que você pode voltar amanhã, eu não to te abrindo o caminho da minha casa, eu to te tratando bem para você não dizer que eu te tratei mal quando você foi na minha casa.

A partir do dizer de A1, vemos que a imagem do Brasil é construída em torno de uma certa positividade, e são endossadas algumas representações anteriores ao período de sua vinda ao país.

Ele ratifica em seu dizer que o Brasil realmente é o país do futebol. O emprego do adjetivo “pior”, que poderia caracterizar algo negativo, nesse caso reforça seu envolvimento maior com o esporte após ter vindo morar aqui. A questão do perigo que ele citava no Recorte 1, o qual era fruto do que a mídia veiculava em seu país e que compunha uma representação

de Brasil no imaginário desse estudante africano, modificou-se com o processo de mobilidade internacional. Porém, a utilização do advérbio de intensidade “muito”, no trecho: “eu não acho que o Brasil é muito perigoso”, indicia uma modalização do discurso midiático, possibilitando sugerir um deslocamento da posição sujeito em relação à interpelação que tal discurso possa causar. A nosso ver, como desdobramento de sua experiência no Brasil, A1 subjetiva esses sentidos produzidos pelo discurso midiático de Brasil e os ressignifica, atribuindo a eles um valor menos estereotipado.

Por fim, quando trata da hospitalidade brasileira, A1 desestabiliza a representação presente no próprio imaginário brasileiro sobre a hospitalidade a nós associada. Afinal, brasileiros pensam e reproduzem discursos de serem o povo mais hospitaleiro do mundo, porém o referencial de hospitalidade para esse estudante é diferente do que o que o brasileiro oferece. Para ele, a hospitalidade está diretamente relacionada com a intimidade. A1 utiliza um elemento adversativo “mas” logo após dizer que acha as pessoas acolhedoras, modalizando e amenizando esse estereótipo. Insinua-se, assim, uma comparação entre o universo simbólico que constitui A1 antes da mobilidade e a ressignificação quase compulsória desse universo, evidenciando um esgarçamento das fronteiras que demarcam uma posição discursiva como resultado da experiência do estranho/estrangeiro.

O encontro-confronto com outra língua-cultura⁴ convoca uma experiência de alteridade radical, ensejando a comparação entre o universo simbólico-cultural que constitui o estrangeiro e o outro modo de representar o mundo, aquele do país de acolhida. Nesse movimento, são instaurados processos de identificação que, ao mesmo tempo em que promovem movimentos de assimilação com o que é da ordem da semelhança, também se dão no sentido de perceber na diferença aquilo que falta ao sujeito. A diferença causa a identificação, pois, à medida em que alguém percebe traços no outro que são percebidos como faltosos para si mesmo, pode se identificar a esses traços e os tomar para si. Essa mesma experiência é vivenciada na comparação entre o que é percebido como sendo próprio de quem a enuncia e o que é do outro, propiciando uma instância de (re)afirmação e/ ou de (re)significação de sua posição discursiva.

Uma vez que a globalização acirra o contato entre línguas-culturas, vivemos um período denominado por alguns como hibridismo cultural. No recorte 3, parece-nos que esse fenômeno é invocado por meio da abordagem da globalização e da consequente padronização de comportamento e hábitos humanos. Logo, ao mesmo tempo em que A1 parece fazer

⁴ Ressaltamos que concebemos a cultura como indissociada da língua, uma pressupondo a outra, uma engendrando a outra.

questão de demarcar para si uma posição diferente da dos brasileiros, ele enxerga semelhanças em ambas, o que o aproxima, de alguma forma, dessa nova sociedade e desse outro universo simbólico em que está vivendo. De acordo com Hall (2006):

As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico [...] eles devem aprender habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.

Hall fala de diferentes identidades, referenciando os estudos culturais pós-estruturalistas, em especial, aos trabalhos que tratam do hibridismo cultural. O autor acredita em identidades que se deslocam e que são descentradas, postulando que a constituição de uma identidade nacional se dá por meio de representações que remetem não só a um já-dito, mas também à outras produções de sentido, como sugere o autor (HALL, 2006 p.49):

(...) as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (Englishness) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica (...)

Remontando suas considerações para a análise em tela, para o estudante africano, as representações de brasileiro possibilitam visitar a identidade africana. Entretanto, neste trabalho, questionamos que não seja possível delimitar uma e outra identidade, como sugerido pela marca de plural do termo identidade mobilizado por Hall. Ao contrário, para A1, traços da identidade brasileira passam a constituir sua identidade enquanto africano e se juntam a outros traços, de modo a acirrar o caráter multifacetado da identidade que constitui todo e qualquer sujeito.

Portanto, podemos pensar que a partir da vivência internacional desse estudante, aspectos de hibridismo cultural pode compô-lo devido ao fato de estar imerso em outra cultura, que suscita um estranhamento, reconhecimento ou até mesmo reforço das suas próprias características como africano. Apesar de seu deslocamento ocorrer via mobilidade

internacional, isso poderia acontecer da mesma forma por influências do processo de globalização, mesmo que o indivíduo não estivesse vivendo fora de seu país.

Dando sequência às análises, discutimos as respostas dadas por E1 às mesmas perguntas, lembrando que ele afirmou não ter algum referencial prévio de como era o Brasil e quais suas características mais relevantes. Ele declara:

Recorte 4 (E1):

O futebol acho que é verdade, quando você falar com uma pessoa que você não *conoce* você já vai saber para qual equipe ele é, o futebol é uma coisa muito universal aqui, a imagem do futebol acho que já é verdadeira (...). Antes de vir não conhecia muita coisa do Brasil, e QUANDO COMEÇOU A AULA DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA, O PROFESSOR COMEÇOU A ENSINAR O PORTUGUÊS, MAS COM COISAS DA CULTURA BRASILEIRA e o estado econômico, tudo que concerne ao Brasil, geográfico, cultural, / e é muito interessante (...). Aqui tem muitas coisas que vai mudar, podemos perceber já que as coisas estão em transição. (...) Acho que vai mudar, mas precisa de tempo, porque aqui tem muitas coisas que se faz sem máquinas, na França fazendo muitos trabalhos que usam máquinas. (...) Mas acho que isso é porque o país está em desenvolvimento, mesmo para latas de lixo, na França temos latas de lixo fechadas e as pessoas vão colocar sobre os caminhões e uma máquina vai esvaziar tudo, aqui não // mas acho q vai mudar só precisa tempo para evoluir. (...) Acho que mudei um pouco por estar aqui, quando eu cheguei aqui// Na França sabe, as pessoas são muito fechadas, frias e não vai ir ver os outros, não vai falar com pessoas que você não conhece, aqui é muito diferente, e as pessoas VAI FALAR COM TODO MUNDO NO FILA DO CAIXA, na fila do RU '(restaurante universitário)', porque você vai falar com eles e não vai ter nenhum problema, assim como dar um abraço em uma pessoa, não tem problema, aqui muito aberto, caloroso, e tudo isso. Então, acho que quando voltar para França isso vai me faltar um pouco.

Percebe-se no recorte, por um lado, a ratificação de que país do futebol, mas para o estudo, isso delinea-se como um estereótipo do país, pois o Brasil pode até ser o país do futebol discursivamente, mas a população não é unanimemente apreciadora do esporte. Por outro lado, E1, mesmo estando a pouco tempo no Brasil e não sabendo muito do país, já possui um olhar otimista em relação às mudanças. Parece-nos que aqui se delinea a representação de Brasil como país em transição – ou seja, um país que marcha para um futuro reputado como melhor, remetendo ao discurso de país do futuro. Notemos o efeito de sentidos que se constrói sobre o Brasil por meio de um funcionamento discursivo calcado na comparação entre o país de onde ele vem e o país que o acolhe, o que nos permite sugerir que o país de quem enuncia é o parâmetro para se revisitar uma representação de Brasil. Se o Brasil mudar, será na direção de chegar em um estado de coisas como aquele que ele vivencia no país dele, um país europeu, tido como desenvolvido. A própria adjetivação do país europeu que advém do imaginário sobre o mesmo (“desenvolvido”) indicia um estado a ser alcançado,

pois o modo de formação de um adjetivo por meio do particípio produz o efeito de algo pronto, acabado, quando comparado ao efeito produzido pelo gerúndio “em desenvolvimento”, associado ao Brasil.

Ao se referir às aulas de Português como língua estrangeira que associam a língua à essa outra cultura, E1 mostra um grande entusiasmo, indiciado pela ênfase entonacional. Talvez tal associação tenha propiciado a instauração de uma identificação com o país que pode ter colaborado para sua rápida fluência no idioma, porque durante a entrevista ele diz que está encantado com as pessoas, com o país, etc. Pensamos que a identificação com traços do universo simbólico que a língua estrangeira veicula pode ter colaborado para uma inscrição discursiva no português, o que de outra forma poderia ter sido dificultado.

É importante ressaltarmos o trecho em que ele destaca o fato de ter mudado um pouco por estar vivendo no país, sendo que este trecho do discurso dele nos remete ao que foi falado sobre o estudante A1 quando situamos que à sua identidade podem ser agregados outros elementos, característicos da identidade brasileira. Quer nos parece que, ao usar o tempo verbal no futuro “isso vai”, e projetar como seria seu retorno para França, remarcando a falta que certos aspectos brasileiros não correspondentes na cultura francesa lhe farão, E1 indicia uma certa forma de inscrever-se e identificar-se com essa identidade de brasileiro. Tal como o estudante africano, E1 experencia um deslocamento identitário, indiciado pela mudança que ele afirma estar vivenciado em função de uma abertura significativa para a cultura brasileira em si.

5. Considerações Finais

Concluimos esse trabalho buscando refletir se durante seu desenvolvimento conseguimos responder algumas questões que propusemos na introdução. Sendo que sua análise começa a partir de alguns discursos midiáticos a respeito do Brasil e dessa nova configuração que se desenha do Brasil no exterior.

Através das primeiras indagações sobre a representação do Brasil no exterior e uma análise discursiva, tomando por base as entrevistas com os estudantes intercambistas, indicamos como alguns estereótipos sobre o Brasil e os brasileiros se mantêm nos discursos fora do país, e ainda mantêm-se na memória discursiva que afeta os dizeres dos participantes. Dessa forma, percebemos que as representações de país do futebol e hospitaleiro, se reafirmaram quando os entrevistados passaram a morar no país e, em especial, no caso dos dizeres do africano, a questão do desenvolvimento econômico.

Porém, ao mesmo tempo, outras representações se resignificaram ou até mesmo já nem aparecem em seus dizeres, isso é evidenciado nos dizeres do estudante africano, pois, o imaginário ligado à violência se resignificou ao deparar com uma realidade diferente daquela vista nos meios midiáticos de Benin.

Ademais, é necessário entendermos que dessas representações sobre Brasil, na perspectiva analisada, evidencia-se um processo de cruzamento de discursos passados com discursos atuais, apontando algo que indicaria uma identidade brasileira em transição, tendo o crescimento econômico do país um papel fundamental nessa nova configuração identitária.

Assim, como Hall afirma que as representações são importantes no processo de formação das identidades nacionais, os sentidos que as representações sobre o Brasil no século XXI produzem, podem atribuir novos sentidos para o que é ser brasileiro. Dessa forma, concluímos que há possibilidade de que novos discursos se delineiem como novos estereótipos de uma realidade do país e da população, os quais, muitas vezes, não fazem parte da vida de muitos brasileiros, pois pensar que o Brasil está economicamente forte, não é pensar que a população esteja. Além disso, o movimento que esses discursos podem provocar na constituição imaginária do que é o Brasil e o que é ser brasileiro, seja pelo olhar estrangeiro, seja pelo olhar do próprio brasileiro, é algo que diz muito sobre o povo e o país, inscrevendo-os em posições específicas no cenário global.

6. Referencial Teórico

ANDERSON, Benedict. **As origens da consciência nacional**. In: _____. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998

ASSIS, Machado de. **Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira**. São Paulo: Agir, 1959. :

BBOSI, Alfredo. **Do antigo Estado à Máquina Mercante**. In: Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CORACINI, M.J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

_____. **Análise de Discurso**: Em busca de uma metodologia. 7. ed. São Paulo: Delta, 1991. 333-335 p.

_____. (Org.). **Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Argos Editora Universitária, 2003.

CORACINI, M.J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita M. Gerheim. **Identidade nacional e identidade cultural**. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. 2.ed.Niterói; Juiz de Fora: EdUFF; UdUFJF, 2010.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **O ensino de Português com Língua não-materna: Concepções e contextos de ensino**. Portal Museu da Língua Portuguesa. Disponível em: http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf. Acesso em: 05/01/2013

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003

FREUD, S. (1919). O estranho. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1980. v. 17, p. 233-270.

GREGOLIM, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: ClaraLuz, 2004

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOBIM, José Luís. **Representações da identidade nacional e outras identidades**. Gragoatá. Niterói:EdUFF, v. 17, n. 1, p. 185-198, jul/dez. 1997. (DIG.)

LARROSA, Jorge. **“Tecnologias do eu e educação”**. In: Silva, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

MURRAY, Justin; **Estereótipos dos gringos: O que realmente achamos do Brasil – Real life for English**. Disponível em: <http://reallifebh.com/estereotipos-dos-gringos-o-que-nos-realmente-achamos-do-brasil>. Acesso em 15/12/2012

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de discurso: Algumas observações**. São Paulo: Delta, 1986. 126 p

_____. **Análise de discurso: Princípios e Procedimentos**. 9. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2010. 100 p.

_____. **A Natureza e os dados**. Campinas: Cad.est.ling., 1994. 47-57 p.

POSSENTI, Sírio. **Perguntas em torno de quatro temas**. Campinas: Cad.est.ling., 1990. 9-115 p.

REVISTA GOL. São Paulo: n, 124, Julho.2012. Mensal.

REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, n. 2250, 04 jan. 2012. Mensal.

REVUZ,C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In SIGNORINI, I. (org.) *Lingua(gem) e identidade*. 2.ed.Campinas: Mercado de Letras, 2001.p.213-230.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva do estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 8. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Nacional por subtração**. In: _____. *Que horas são?* São Paulo: Companhia dasLetras, 1987. (DIG.)

Anexo 1

Roteiro de entrevista semi-estruturada.

As entrevistas foram feitas pelos próprios pesquisadores, gravadas, e posteriormente transcritas, respeitando as normas estabelecidas pelo conselho de ética da UFU e garantindo o anonimato dos participantes. Para isso, foram elaboradas algumas perguntas que compõem um roteiro semi-estruturado que acreditamos ser importante para responder nossas perguntas principais de pesquisa.

- Porque você escolheu o Brasil para seus estudos?
- Que imagem de Brasil e de língua portuguesa você tinha antes de chegar aqui?
- E agora que está vivendo aqui o que você diz a respeito dessa imagem?
- Qual é sua relação com a língua portuguesa?
- Como você se percebe em relação à cultura brasileira?
- Como você percebe o brasileiro e sua relação com os estrangeiros?